

Editorial - Com Saramago

No ano em que se comemora o centenário do nascimento de José Saramago (1922-2010), a revista ECCOM decidiu, em boa hora, publicar um número especial sobre o autor de obras universais como *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982) e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). O resultado – dezenove artigos de estudiosos de Portugal, do Brasil, de Espanha e de Israel – diz bem da amplitude científica e interdisciplinar desta revista científica e da “escrita infinita” de José Saramago, para me valer de parte do título de um livro que tive a oportunidade de organizar e publicar este ano (*José Saramago: a escrita infinita*, Lisboa, Tinta-da-China, janeiro de 2022). Escreveram-se já, literalmente, milhares e milhares de páginas sobre a obra e o pensamento de José Saramago e, ao que parece, esta tendência vai continuar. Por mais que se possa dizer que muito do que se publica não apresenta qualquer novidade, a verdade é que ninguém tem o direito de exclusividade sobre uma obra que vai da crónica e da poesia ao conto e ao ensaio, do teatro à entrevista e ao diário; uma obra tão memorável pela qualidade literária quanto pelas ideias que despontam a cada página, cada parágrafo, cada frase. Ao escrevermos sobre José Saramago, encontramos-nos com Saramago, estamos a exaltar a vida e a celebrar-nos a nós próprios, como afirma Pilar del Río no texto “O centenário de um contemporâneo”. No meio dos intermináveis “chamamentos diários que a sociedade lança, também devemos apostar no ato de escrever e de ler, essa possibilidade de crescermos, de sermos mais íntimos e, ao mesmo tempo, cúmplices dos melhores” (Río, 2021: 5). Não podia estar mais de acordo com Pilar del Río, que também nos lembra, no mesmo depoimento, que celebrarmos o centenário de José Saramago é sermos protagonistas dentro dos livros do autor e na vida, esse lugar que é o que, afinal, verdadeiramente importa. Era neste sentido que Saramago dizia, a partir de determinada altura, que gostava cada vez menos de falar de literatura, sendo certo que a literatura está na vida e que também ele queria transformar a literatura em vida.

José Saramago era vida e escrita, vivia e escrevia, não vivia para escrever, escrevia para viver; vivia para si mas não menos para os outros, para a sociedade, para a construção de uma vida melhor num mundo que é, como ele nos dizia e continua a dizer, péssimo. Independentemente da perspectiva teórica e da área do conhecimento em que se inserem, os artigos reunidos neste número da ECCOM convergem num ponto que é conhecido dos leitores e da crítica: a vida dos esquecidos, os pensamentos e as palavras dos homens e das mulheres anónimos e subjugados através dos tempos, as malfetorias humanas sobre os animais, sobre a natureza e o ambiente; vida contada num estilo singular, desconcertante, sedutor, variado, em que o mais coloquial se funde com o mais culto, o mais poético (no sentido de belo, inefável) alterna com o mais cru, em que o narrador é um autor-narrador insubmisso perante a voz e o autoritarismo dos que detêm o poder. Este é (convém não esquecer) o conteúdo da outra História que Saramago quis escrever, como contraponto a essa História oficial que é muito mais do que História. Acaba por ser (sobretudo se pensarmos que não pouca historiografia foi escrita sob a supervisão de imperadores, reis, ditadores e militares) uma idolatria que está ao serviço de outra idolatria que nos afeta a todos: a da veneração e perpetuação do poder, nas suas múltiplas formas. Mais do que escrever História, o historiador fá-la, “perfeitamente consciente das consequências político-ideológicas do seu trabalho” (Saramago, 1990: 19); ministra uma lição que “é porventura a mais magistral de todas as lições, já que o historiador surge como criador de um mundo outro, ele é aquele que vai decidir o que do passado é importante e o que do passado não merece atenção” (Saramago, 1990: 19). A esta História Saramago contrapõe um outro olhar, que é também o olhar de “certas escolas históricas recentes” (Saramago, 1990: 20), que “*sentiram* como que uma espécie de inquietação sobre a legitimidade da História tal qual vinha sendo feita, introduzindo nela, como forma de esconjuro, se me é permitida a palavra, não apenas alguns

processos expressivos da ficção, mas da própria poesia” (Saramago, 1990: 20. Sublinhado no original). Mais: “Lendo esses historiadores, temos a impressão de estar perante um romancista da História” (Saramago, 1990: 20. Sublinhado no original).

Aproveito o mote e afirmo: lendo Saramago, estamos dentro da outra História, aquela que existiu mas nunca foi contada desta maneira. Estamos com Saramago porque o escritor nos desconcerta, seduz, surpreende, faz pensar; porque vemos na sua literatura as forças da História combinadas com a existência de pessoas de carne e sangue cujas ações, dores, alegrias, esperanças e desistências não são apenas *factos*; são a própria História, a nossa vida vivida por outros menos afortunados do que nós, que nos podemos transformar neles mais rapidamente do que se julga. A invasão russa da Ucrânia prova-o, provam-no a tortura e a morte de crianças, mulheres, homens, animais, a destruição de cidades, de tudo o que foi construído para o bem comum de um povo soberano.

Contra as visões deterministas da História, José Saramago apresentou sempre uma lógica sustentada na observação racional dos acontecimentos, dos mais antigos aos mais recentes, e não é por acaso que, no último romance saramaguiano, *Caim* (2009), o protagonista se certifica do fim da Humanidade (depois de matar Abel, no início, mata Noé, a sua mulher, os seus filhos e as suas noras). Se há um fim da História, em Saramago, não é o fim otimista à Hegel (o Estado) ou à Marx (o social e a sociedade): é um fim literal, o desaparecimento da espécie humana às suas próprias mãos. Ainda assim, apesar deste pessimismo de um homem que já vislumbrava a sua própria morte, sabemos que Saramago não era um desistente. Nenhum nihilista escreve mais de 40 livros, milhares de páginas cheias de denúncias dos inenarráveis males do mundo e do humano, e não menos cheias de propostas por um mundo mais habitável.

Neste texto introdutório não posso nem quero, antes de mais porque são dezenove, sintetizar o conteúdo dos artigos que leem Saramago em profundidade, às vezes com uma novidade que se percebe pela simples leitura do resumo ou mesmo apenas do título. O efeito de conjunto destes trabalhos vem do modo como cada um nos diz que a escrita de Saramago traduz um conflito entre o poder que se quer desmedido e as forças produtivas da História. Um dos elementos literários que mais têm ocupado a crítica literária e fascinado os leitores parecem contradizer este olhar, que é o de um materialista histórico, sem dúvida, mas um materialista histórico único. Refiro-me às inverosimilhanças (como a passarola ou o dom de Blimunda), aos *impossibilia*, que atuam tão ativamente na transformação social, em José Saramago. Estes componentes “impossíveis” (características, comportamentos, ações, acontecimentos) são ao mesmo tempo metafóricos e simbólicos, como é óbvio, e a sua relevância torna-se mais evidente se, para tentarmos compreendê-los, usarmos os termos “espírita” e “espiritualidade”. Estas palavras suscitam e são muitas vezes substituídas por outra, “espírito”, que é o princípio imaterial das funções superiores do ser humano: o pensamento intelectual, ou, dito de outro modo, o intelecto e os seus processos e resultados (linguagem verbal, conceitos, juízos); a inventividade ético-moral, cultural, estética e sociopolítica; a vontade e o querer; o raciocínio filosófico em geral; o eu livre.

“Espírito” tem um sinónimo que é central na história da humanidade e que Marx e Hegel usam em sentidos e com funções diferentes: “Ideia”. Como é sabido, Marx substituiu o “Espírito” de Hegel pela matéria e pelas questões materiais e económicas. Não me quero alongar. Lembrarei apenas o seguinte: para os defensores do idealismo, o espiritual origina o material; para os adeptos do materialismo, a proposição inverte-se e é o material que institui tudo o resto. Para Saramago, o material e o ideal combinam-se de um modo que pode ser bem compreendido sobretudo se partirmos da ideia de que personagens como Blimunda Sete-Luas e Baltasar Sete-Sóis não podem ser simplesmente encerradas em leituras generalistas, românticas e idealizadas. José Saramago resolve ou atenua uma polarização que tem

conduzido a muitas das tragédias da História: a oposição radical entre o material e o ideal, e entre o coletivo e o individual, que, para ele, não constituem forças opostas, mas um par que deve dialogar (e tem dialogado) intimamente. André Santos Campos vê bem esta perspectiva saramaguiana, a perspectiva crítica e criadora de um homem que fez da sua vida e da sua literatura uma referência para o presente e para o futuro: “As the construction of the *passarola* in *Baltasar and Blimunda* exemplifies, true individual productive efforts involve technique and labor just as much as dreams and aspirations” (Campos, 2018: 71).

O idealismo de Saramago nada tem a ver com a Ideia hegeliana. Não se trata de acreditar que há (ou tem de haver) um destino histórico, como em Hegel, que vê no Estado a realização máxima da Ideia, que significa progresso, evolução, em vez de decadência (Platão, em quem Hegel se inspirou, preconizava o contrário, como é sabido: o mundo sensível é um degenerescência do mundo puro e perfeito das ideias). O idealismo saramaguiano encerra uma projeção de aspirações cuja concretização integral é impossível, porque a História está cativa da imprevisibilidade do humano e da sua tendência para a desordem, a desunião e a morte. O mundo ideal de Saramago, apesar de inalcançável, compreende uma moral máxima. Os valores supremos (humanitarismo e igualitarismo para todos) são as referências que pautam tanto as suas ações de cidadão como as das suas personagens em cujo ideal de liberdade o material e o espiritual se articulam.

A ideia saramaguiana não existe fora de cada um de nós e fora das coisas; existe dentro de cada pessoa, e é aí que se desenvolve e se materializa em atos e coisas. Diferentemente de Aristóteles, que retomou a teoria das Formas ou Ideias de Platão e a alterou (dizendo que as coisas sensíveis se movem em direção às suas causas finais, isto é, às suas Formas ou essências), o idealismo de Saramago constitui um fim superior que o ser humano deve procurar atingir em vida e pela vida. Este não é uma teleologia, um lugar finalístico a que chegaremos por determinação de leis imutáveis, como sustentam religiões e concepções do mundo como o cristianismo e o marxismo; é um caminho sem fim em que, apesar da morte física de cada um de nós, todos participamos como elos de uma cadeia interminável.

Um escritor nunca está definitivamente institucionalizado, ou está-o apenas numa parte muito ínfima e mais simbólica do que real, como acontece com Dostoievski e Shakespeare, Camões e Fernando Pessoa, cujo número de leitores reais e autênticos é sempre muito inferior ao dos leitores desejáveis. A atribuição do Prémio Nobel da Literatura, como lembrou Carlos Reis a propósito de José Saramago, “não é condição suficiente para que um escritor e uma literatura ganhem dimensão de fenómeno durável e apreciável” (Reis, 2020: 18).

É por tudo isto, e pelo muito que fica por dizer nesta apresentação, que estamos **com Saramago**.

Prof. Dr. Carlos Nogueira
Editor Convidado
Cátedra José Saramago
Universidade de Vigo, Espanha
carlosnogueira@uvigo.es

Obras citadas

Campos, André Santos. «José Saramago's "magical" historical materialism". Carlo Salzani, and Kristof K. P. Vanhoutte (ed.). *Saramago's Philosophical Heritage*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018: 61-80.

Reis, Carlos. "José Saramago: nascido para isto". Carlos Reis (org.). *José Saramago. Nascido para Isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020: 17-19.

Río, Pilar del. "O centenário de um contemporâneo". *JL – Jornal de letras, Artes e Ideias*, n.º 1333, 3 novembro 2021: 5.

Saramago, José. "História e ficção". *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 400, 6 a 20 de março de 1990: 17-20.